

Paranaturezas.

Assumamos por um instante o ponto de vista do criador da natureza. (Exercício este menos extravagante que aparenta ser. Na tradição tal ginástica mental é chamada "transcendência"). Pois é óbvio que de um tal ponto de vista a natureza não é "necessária", no significado de "necessariamente assim e não assada". Eu, criador da natureza, poderia perfeitamente ter construído outro conjunto segundo regras diferentes das ditas "leis da natureza". Por exemplo: a simetria que caracteriza "esta" natureza, (polos eletromagnéticos, simetria química, a dos organismos, em suma, a dita "dialéctica"), é regra perfeitamente dispensável na construção de naturezas, embora natureza assimétrica seja monstruosa para seres tão tapados quanto o somos nós. Ou: não se vê porque eu criei a vida com "este" alfabeto genético e não com outro, embora organismos gerados por evolução diferente da conhecida, ou por processo não evolutivo, sejam, para nós, monstros. Em suma: se assumirmos o ponto de vista do criador, a nossa natureza não passa de uma entre numerosas, (ou inúmeras), naturezas monstruosas possíveis, e a nossa não é monstruosa pela simples razão de ser a nossa. *

O exercício mental aqui esboçado não é tão fútil quanto parece. O Instituto de Pesquisas Paranaturalistas, com sede em Sorgues, na região de Avignon, e cujo presidente é Louis Bec, se dedica a ele. E o autor destas linhas se orgulha de ser "conselheiro filosófico" do Instituto. A meta das pesquisas do Instituto é dupla: (a) fazer a crítica da natureza tal como nos foi proposta pelo criador, (por exemplo mostrar as falhas e inconsistências na construção das galáxias ou do ouvido em mamíferos), e (b) propor a construção de naturezas diferentes da proposta pelo criador, isto é: propor a construção de paranaturezas. Dada a relativa modéstia de tais propósitos, (e dos meios financeiros disponíveis), o Instituto está localizado em fábrica paleotécnica, (1870), mal equipada, mas situada em uma das regiões mais belas do mundo, em Vaucluse, (a "Vallis clusa" de Petrarca, o "descobridor" da natureza, variante conhecida e pesquisada por Institutos mais afluentes que o nosso, embora ultrapassados pelo nosso).

Não exageremos: os Institutos concorrentes do nosso, esses "centros de pesquisa científica" (CNRS), e outros estabelecimentos universitários, industriais e fundações todos, estão começando a desconfiar, eles também, que o que estão fazendo é crítica de arte. Também eles deveriam chamar-se, a rigor, "Institutos paranaturalistas". Estão, eles também, redescobrimdo o criador por trás da criação, e estão começando, eles também, a suspeitar de quem se trata. Quem é o sujeito que bolou as leis da inércia ou da hereditariedade, e quem fez com que as coisas obedeçam a tais leis sob pena de não serem coisas. Mas falta a esses Institutos quadrados e reacionários a coragem de admitir que já é tempo de substituir a nossa natureza por outra, porque, no estágio atual da história da arte, o criador da nossa natureza passou a ser de um academismo insuportável. A coragem de admitir que a nossa natureza não passa atualmente de Kitsch, é boa apenas para divertir espíritos juvenis e epistemologicamente ingênuos como o são os ditos "cientistas".

O criador e inventor da natureza, nós o sabemos atualmente não apenas graças a reflexões do tipo "filosofia da ciência", mas também graças ao esforço de aplicar as regras da natureza, isto é graças à técnica, esse criador e inventor antigamente identificado com "Deus", é o burguês renascentista. Antes dele não havia nenhuma natureza no significado do termo por nós empregado. Havia, por certo, a "natura" dos medievais e a "physis" dos gregos, mas isto são precisamente conceitos com os quais não podem operar os Institutos acima mencionados. As ciências da natureza são disciplinas que se desinteressam precisamente da "natureza" das coisas, (e consideram que quem procura conhecer tal "natureza dos astros, dos animais, dos homens, da alma etc" é anticientífico, para não dizer supersticioso). O que distingue a ciência da natureza moderna por exemplo da alquimia ou da astrologia é precisamente o desinteresse pela natureza das coisas, e o interesse pela natureza da qual as coisas são parte. E tal natureza não existia antes do renascimento: foi criada pela burguesia em sua luta contra o feudo e o clero. E tal natureza é, com efeito, a maior obra de arte de todo o renascimento. Mas atualmente está ficando obsoleta: o trompe l'oeuil sobre o qual repousa, a ingenuidade epistemológica do burguês, está deixando de funcionar por esgotamento de recursos.

Tal tese quanto á origem renascentista da natureza, (e não apenas da ciência da natureza), pode ser radicalizada: a prova que a ciência renascentista não descobriu, mas inventou a natureza está na neutralidade ética não apenas da ciência mas da própria natureza. Na medida na qual "progridem" as ciências naturais, eliminam progressivamente juízos de valôr e os substituem por explicações causais. A pedra cai, não por ser o chão o "seu lugar justo", mas por gravidade; o tigre é feroz, não por ser corajoso ou maldoso, mas por ser condicionado ~~por~~ genéticamente; e o ladrão rouba, não por ser pecaminoso, mas por ter sofrido de terminado trauma na infância. Na medida pois na qual a ciência avança da física para a biología, e da biología para a sociologia, vai transformando tudo em natureza. A natureza se revela pois ser produto da cultura renascentista, e não, como nos fazem crêr, a cultura produto da transformação da natureza. Com efeito: a natureza é, vista sob este ângulo, produto tardia da cultura ocidental, e deve ser criticada com os critérios fornecidos pela história da arte. Assim a natureza física, com seus sistemas planetários e seus vetores de forças, é nitidamente barroca; a natureza biológica, com sua luta pela sobrevivência e a sobrevivência do mais apto é nitidamente romântica, e a natureza psíquica, com seus recalques e suas sublimações, é nitidamente "art nouveau".

Mas criticar a natureza não é tão interessante quanto o é propor alternativas. É absolutamente ridículo querer contentar-se atualmente com uma única natureza, quando (a) sabemos como essa nossa natureza foi feita, (b) não nos estamos sentindo bem nela, (c) estamos começando a esgotá-la e a poluí-la tanto material- quanto epistemologicamente, e (d) somos capazes de produzir naturezas melhores. Por isto o Instituto de Pesquisas Paranaturalistas, na pessoa do seu presidente Louis Bec, inicia, há alguns anos, a construção da primeira paranatureza. Por razões autobiográficas, (Bec, além de escultor e crítico de arte é epistemólogo e biólogo), essa primeira paranatureza é parabiológica, (veja-se ilustrações anexas), mas outras paranaturezas em níveis ontológicos outros são igualmente viáveis. O que importa é a decisão de transformar em ato criador a descoberta fundamental da nossa época: a ciência da natureza é uma entre as artes ocidentais, e, como a tela pintada é o produto a pintura, assim a natureza é o produto da ciência da natureza.

Como são criadas naturezas, (a nossa e tôdas as demais possíveis)? Faça-se primeiro uma teoria. Sabemos, atualmente, que "teoria" não é contemplação de formas, (como o acreditavam os gregos), nem manipulação de formas afim de adequá-las a experiências, (como o acreditavam os modernos), mas elaboração de modelos para ação futura. O teórico não é pois nem sábio nem explicador, mas estrategista, já que teoria não é nem visão da verdade nem discurso explicativo mas estratégia para ação determinada. Assim a teoria darwiniana, (se é que o darwinismo merece a designação "teoria"), não é nem "visão das formas biológicas", nem "explicação dos organismos vivos", mas um contexto de modelos que permite recortar, do mundo vivenciado no qual vivemos, determinadas entidades a serem chamadas "organismos vivos". Graças ao darwinismo podemos, por exemplo, afirmar que árvore e pica-pau são dois organismos diferentes, e que o bico do picapau é órgão de um ser chamado "ave". Outra teoria que não a darwiniana poderia permitir, por exemplo, considerar o picapau órgão da árvore, ou o bico do picapau organismo do qual a árvore e o corpo do picapau são os órgãos. Obviamente, tal teoria alternativa ainda operaria no terreno ocupado pela darwiniana, e não seria portanto "paranaturalista". Para sê-lo, a teoria alternativa deve propôr modelos diferentes dos em uso nas ciências da natureza. Por exemplo: propôr química orgânica diferente da "normal" para dela criar organismos vivos. Tal química, na qual por exemplo o enxofre ocuparia lugar vagamente correspondente ao carbono na natureza acadêmica, resultaria em parabiologia, porque os organismos vivos (os "sulfanogrados"), seriam teoricamente diferentes dos organismos "naturais", isto é: seriam resultados de uma teoria paranaturalista. (veja-se as ilustrações anexas.)

É claro: a teoria paranaturalista deve obedecer a determinadas regras que caracterizam toda teoria científica, e a distinguem de discursos não-científicos. Por exemplo: a teoria paranaturalista deve ser consistente, falsificável, e composta de conceitos claros e distintos, isto é: quantificável. Senão, o paranaturalista não estaria criando naturezas, mas obras de arte de outro tipo. Assim a teoria dos sulfanogrados tem todas as características de uma teoria biológica, salvo a ingenuidade epistemológica que caracteriza as demais teorias. Não acredita estar explicando organismos, e sabe que os está propondo. Assume-se criadora.

Feita a teoria, faça-se organigrama afim de aplicá-la, (veja ilustração anexa). Tal organigrama terá as características dos estudos anatómicos, fisiológicos, metabólicos etc. da biologia clássica, apenas não acreditará, como o faz a biologia clássica, estar "examinando organismos", mas estará conciente de estar criando organismos, (no caso: sulfanogramas). Aparentemente pois os desenhos e esquemas paranaturalistas são diferentes dos da ciência clássica, (e semelhantes aos da técnica aplicada), no que precedem o organismo estudado, mas na realidade os desenhos e esquemas da ciência clássica também precedem o fenômeno, também o "projetam": o mapa anatómico do porco projeta como vai ser o porco para a zoológica, embora acredite que está "observando porcos". Em suma: o paranaturalista está conciente que "observar" significa projetar categorias sobre o mundo vivenciado, e os organigramas que precedem os sulfanogramas são observações libertadas da ingenuidade epistemológica dos cientistas clássicos: projetos concientes para a criação de determinada natureza.

Em base de tais organigramas os organismos "se" constituem: o cientista clássico acredita que tal "se" é um processo objetivo e ocorre sem interferência por parte da teoria científica, e o paranaturalista sabe que tal "se" é a dialética entre a teoria científica e a matéria que a teoria está modelando. Assim o darwinista acredita que os organismos "se" constituem segundo o princípio da seleção natural, tivesse ou não tivesse Darwin projetado sua teoria, mas o paranaturalista está conciente que os organismos "se" constituem pelo princípio da seleção natural devido a Darwin, e não seriam o que são, (organismos no sentido darwiniano), se Darwin não tivesse proposto a sua teoria. O organigrama darwiniano é a base do fato observável que o corpo humano é organismo "primata" e o corpo da abelha organismo "himenóptero", com todas as semelhanças e diferenças observáveis entre os dois corpos que uma tal construção de organismos envolve. Por isto o paranaturalista faz que o seu organigrama resulte em sulfanogramas, aplicando concientemente seus modelos ao mundo. A descrição da praxis paranaturalista, do constituir dos sulfanogramas com auxílio a outros elementos, ultrapassa a competência técnica do presente ensaísta. Mas tal descrição é tão desnecessária para a contemplação dos sulfanogramas quanto é a descrição da fisiologia da borboleta para a contemplação da borboleta: os sulfanogramas estão simplesmente lá, e não existem.

Constituída a paranatureza, (no caso: o reino dos sulfanogrados), surge a tarefa de viver-se com ela e nela. Tal tarefa não é tão simples quanto parece. Trata-se de um mundo de monstros, já que inusitado. Não estamos por exemplo acostumados ao fato que certas "línguas" de determinados sulfanogrados emitem imagens televisionadas, nem ao fato que certos "intestinos" de determinados sulfanogrados digerem informação codificada em código Morse. Mas se considerarmos, que, obviamente, o reino dos sulfanogrados é arte do fim do século 20, tanto quanto o reino dos animais é arte do começo do século 19, e o reino dos fenômenos astronômicos é arte do século 16, o nosso espanto diante do sulfanogrados cederá ao esforço de convivermos com eles. Se aceitamos sem espanto que o movimento dos astros tem estrutura barroca, e os processos vitais dos animais estrutura dos processos químicos nas fábricas do século 19, porque não aceitar com naturalidade, (e paranaturalidade), que os sulfanogrados funcionam à maneira dos aparelhos do século 20?

A tarefa nos é facilitada pelo fato de serem os sulfanogrados extraordinariamente belos, (se por "beleza" entendermos alto grau de informatividade aliado a determinada harmonia de funções e formas). O enxofre, base química dos sulfanogrados tanto quanto o carbono é a base química dos organismos clássicos, resulta em coloração muito viva, e os órgãos dos sulfanogrados, esses canais, balões, capilaridades e pelos tôdos, são suaves e acolhedores, uma vez vencida a angústia inicial que nos causam. Claro é que o reino dos sulfanogrados seja belo: o paranaturalista assume conscientemente o que o cientista clássica admite somente sob pressão: o seu critério de validez é a beleza, (as suas teorias e suas experiências são válidas na medida na qual são belas, isto é informativas e harmoniosas). O reino dos sulfanogrados é belo, porque a teoria paranaturalista é bela, como o reino dos animais é belo porque a teoria darwiniana é bela. O que admiramos ao observar a organização das asas da borboleta é o espírito criador de Darwin que a "explica", e o que admiramos ao observar a organização de determinado sulfanogrado é o espírito de Louis Bec que criou o sulfanogrado.

De forma que somos obrigados a vivenciar o reino dos sulfanogrados enquanto "obra de arte", isto é objeto material que faz transparecer e resplandecer o espírito criador humano. Mas temos o direito de agsim o vivenciar apenas se admitirmos que somos obrigados de vivenciar da mesma maneira também tôdos aqueles fenômenos que estamos acostumados a chamar de "natureza" Os sulfanogrados são belos como o é a tromba do elefante e a mão do chimpanzé, e é esta a lição principal que nos ensina o paranaturalismo. Em suma: a lição nos ensina que devemos vivenciar o mundo dentro do qual vivemos, seja ele "natural" ou "cultural", como obra do espírito humano, portanto como belo.